

Testemunhos

António (nome fictício) sabe ler desde os quatro anos. É também desde essa idade que efectua operações matemáticas que não se aprendem no jardim-de-infância. António tem cinco anos e só faz os seis em 2009, mas poderia entrar no 1.º ciclo já no próximo ano lectivo, não fosse o vazio legal que o Decreto-Lei n.º 3/2008 criou para as crianças sobredotadas.

Para os pais de António, "não é concebível" mantê-lo mais um ano no jardim-de-infância. "Ele lê e interpreta o que lê. Por isso, desinteressa-se do que os outros fazem. Diz que são bebés porque não sabem ler como ele e a educadora", conta a mãe, considera que, se não fosse tão pequeno, estaria apto para o 2.º ano.

(in Público, 29/03/2008)

Jornalista.: Achas que pelo facto de seres sobredotada deverias estar num nível escolar mais avançado?

Jovem: Gostaria muito de ter feito o 1ºCiclo em dois anos, em vez de quatro. Os meus colegas demoraram um horror de tempo para aprenderem as letras todas. Foi frustrante.

*(in Expresso, Revista Única, 14/03/2009;
entrevista a uma jovem sobredotada de 13 anos)*

Todas as escolas por onde passei são instituições públicas. Não tenho nada a destacar da minha passagem pelo primeiro ciclo, que foi pacífico no que diz respeito ao aproveitamento escolar e ao relacionamento com professores e colegas.

Não posso dizer o mesmo do período decorrido entre o quinto e o nono anos, que foi conturbado, espinhoso e difícil para mim. Da pacatez da escola primária passei para um outro estabelecimento de ensino básico do

segundo e terceiro ciclos, com numerosíssimos alunos, vários professores e novas disciplinas.

Os colegas, muitos deles provenientes de bairros sociais problemáticos, depressa se tornaram hostis e violentos. Diariamente era alvo de bullying, sem perceber o motivo subjacente. De qualquer forma, os meus problemas com agressividade física atenuaram-se com a retenção de uma boa parte da turma no sexto ano.

Já no sétimo ano prossegui com outra turma. Ver estes colegas novos, simpáticos, divertidos, coloridos, que falavam de música e de filmes e, principalmente, não batiam uns nos outros foi como abrir uma porta de esperança.

No entanto, na sala de aulas eu empolgava-me. Encontrei nesta escola excelentes professores, com quem tinha uma óptima relação. Eu gostava de estar nas aulas. Gostava do conhecimento que me era transmitido, gostava de responder correctamente às questões colocadas e gostava de surpreender com respostas criativas e inusitadas, principalmente na área da Literatura. Neste âmbito, os meus pais, alguns professores e também a Sr.^a Dr.^a Helena Serra, no Projecto Sábados Diferentes, me estimularam e incentivaram. Enfim, gostava de participar nas aulas. E penso que o fiz demais... porque o destaque que conquistava na sala de aula cavava um enorme fosso em relação aos colegas. Quase sem dar por isso, fomo-nos afastando, eu deles e eles de mim. Cada vez me identificava menos com os meus pares – digo-o com angústia – e encontrava refúgio nos pais e em Deus.

Portanto, entre o oitavo e o nono anos encontrava-me numa situação de isolamento, com um pobre auto-conceito, e persistia em usar o sucesso académico como catarse para o falhanço social. Claro está, foi um método inglório e pouco inteligente.

Entretanto passei para o Ensino Secundário. Uma vez mais, uma nova escola, novos colegas e professores. Não há muito a dizer sobre este período, a não ser o facto de ter mudado de estratégia. Aqui, o meu principal objectivo era passar despercebida aos olhos dos colegas, mantendo nos testes de avaliação a competitividade que me caracterizava.

Finalmente, a entrada no Ensino Superior. Pela primeira vez, o sentimento não foi de alienação. Pelo contrário, e perdoem-me o entusiasmo da expressão, foi de refulgente identificação com as pessoas que lá encontrei. Penso que há vários factores que concorreram nesse

sentido. Por um lado, os alunos que frequentavam o curso que integrei encontravam-se globalmente motivados para o fazerem com sucesso. Pode dizer-se que o conjunto das pessoas era homogéneo. Não houve lugar para hegemonias castradoras e invalidantes. Por outro lado, creio que a deslocação para outra cidade e ter partilhado um apartamento com outras jovens ajudou-me no processo de autonomização que era premente.

Ao terminar a minha intervenção, penso que dela se salienta a ênfase dada ao aspecto relacional do meu percurso escolar. Há muitos outros aspectos que poderia ter abordado, mas optei por realçar a importância do equilíbrio emocional e cognitivo do aluno e do desenvolvimento de competências sociais, porque estes preponderantes no conceito de realização pessoal. O estereótipo do aluno brilhante do ponto de vista académico e alienado do ponto de vista social pertence a uma estética de promoção apenas cinematográfica. É premente educar pais e filhos para a auto-estima, equilíbrio emocional e integração social.

Anónimo, 25 anos.

Testemunho em SYMPOSIUM:

Sobredotação: regresso às classes especiais?

Porto, 15/11/2008.